Existência livre e digna no trabalho, na era da IA

Dados egocêntricos, privacidade corporal e o que gestores precisam perguntar antes de treinar sistemas com a rotina de quem trabalha.

Fonte	Fala de Rafael Zanatta (Data Privacy Brasil) no 17º Seminário de Proteção à Privacidade e aos Dados Pessoais, promovido por NIC.br e CGI.br
Autor	Paulo Coutinho, estrategista de transformação e inovação
Data	3 de outubro de 2026

Síntese executiva

Trabalhadores em diferentes países estão sendo obrigados a usar câmeras e dispositivos para filmar a própria atividade, e esse material treina sistemas de aprendizado de máquina. Segundo Zanatta, que ouviu diretores de empresas de tecnologia em conferência nos Estados Unidos, esse é o tipo de dado que mais importa para a robótica: são os chamados **dados egocêntricos** (imagem, áudio e sensores captados do ponto de vista de quem executa a tarefa). A expectativa é que a prática chegue ao Brasil nos próximos anos. A pergunta central é como garantir uma existência livre e digna no trabalho quando a rotina vira insumo de treinamento de IA.

Pontos-chave da fala

1. Dados egocêntricos e robótica. A coleta da atividade laboral aprimora de forma significativa as capacidades técnicas dos sistemas de IA. Por isso o dado tem valor alto e tende a ser demandado em escala.

2. Setores brasileiros expostos. Zanatta aponta o avanço das agritechs, com trabalhadores de plantações de café, canaviais e roça usando esses dispositivos, além da indústria têxtil. O fenômeno não se limita ao trabalho precário: já ocorre na ciência, com laboratórios que exigem câmeras e sensores para análise automatizada do trabalho de campo científico.

3. Privacidade corporal em debate. Os óculos com câmera (Ray-Ban com Meta) reabriram a discussão sobre a banalização do consentimento e das concepções de privacidade corporal, e geraram reação cultural e campanhas. No Brasil, o tema é pautado por organizações como Coding Rights, ControlZ e IDEC, este último pela ótica do direito do consumidor. São conceitos distintos da proteção de dados, mas podem caminhar juntos.

Três provocações para o futuro

- A proteção de dados pessoais precisará se conectar com a **moralidade de mercados**, com a **privacidade corporal** e com a **dignidade coletiva**.
- Sistemas de IA que exigem dados de sensores, áudio e vídeo vão tensionar os direitos de personalidade e o direito a uma existência livre e digna.
- O ECA Digital retoma o conceito de abusos informáticos pela lente do design abusivo e dos deveres de prevenção (conforme slide apresentado na palestra).

Implicações práticas para empresas

Esta leitura é do autor, a partir da fala. Organizações que adotam IA com dados de operação, em especial câmeras e sensores no ambiente de trabalho, devem tratar o tema como risco de governança, não só como detalhe técnico:

- **Transparência:** o trabalhador sabe o que está sendo coletado, com que finalidade e por quanto tempo?
- **Escolha real:** existe poder efetivo de recusar, ou o consentimento é só formal? A relação de trabalho é assimétrica.
- **Minimização e finalidade:** a coleta é proporcional ao objetivo declarado? Os princípios da LGPD (finalidade, necessidade, transparência, segurança) seguem como referência mínima.
- **Terceiros:** câmeras e sensores captam também colegas, clientes e outras pessoas. Mapear quem é filmado além do trabalhador.
- **Contratos e fornecedores:** quem recebe os dados, quem os reutiliza para treinar modelos e o que acontece no encerramento do vínculo.

Leitura do autor

Mais tecnologia exige mais evidência, mais clareza e mais responsabilidade. Quem decide adotar IA alimentada por dados da operação precisa conseguir demonstrar, com documentação e não com intenção, que o ganho técnico não foi obtido à custa da autonomia e da dignidade de quem trabalha. Inovação sem modinha começa por essa pergunta antes da compra, não depois do problema.

Sobre o autor. Paulo Coutinho é estrategista de transformação e inovação, com atuação em IA, tecnologia, gestão e propriedade intelectual. Conteúdo em paulocoutinho.pro.br.
Nota: este release é uma leitura editorial de um trecho da palestra de Rafael Zanatta e não representa posição oficial do palestrante, da Data Privacy Brasil, do NIC.br ou do CGI.br. O vídeo completo do evento é a fonte primária.